



## Editorial

**Elias Wolff**

A existência da Terra e de tudo o que existe sobre ela, bem como do cosmos inteiro, nos remete a um horizonte infinito de interrogações sobre a sua origem, o seu significado, o seu fim. Praticamente todas as ciências buscam responder a essas interrogações, até mesmo porque não há área do conhecimento humano que não se confronte, de alguma forma, com o mistério da existência, pessoal e planetária. A física, a química, a astronomia, a filosofia, a teologia, a poesia... São formas diversas de explicitar alguma compreensão da realidade. As pesquisas científicas mostram que a terra tem 4,5 bilhões de anos; a vida na terra tem 3,4 bilhões de anos; e o *homo sapiens* tem sua origem provavelmente na África Oriental entre 190 e 160.000 anos atrás (espalhou-se para o leste do Mediterrâneo há mais ou menos 100 a 60.000 anos; pode ter chegado na China há 80.000 anos; mas tem sua forma atual há apenas 80 a 50.000 anos). Tais hipóteses, contudo, não cancelam a interrogação sobre a origem e o fim da humanidade. E entre origem e fim da existência humana, emerge uma questão fundamental: *qual é o lugar dos seres humanos na ordem natural?*

As religiões buscam responder a essa questão e outras que emergem sobre o sentido da realidade no intento de orientar os seus membros para nela situarem-se com algum sentido. Essa resposta acontece no horizonte de uma “teologia da criação”, desenvolvida pelo paradigma ecológico e holístico. A Terra é compreendida como “um grande organismo vivo que se alimenta nos minerais, que brota nos vegetais, que respira nos animais, que se espiritualiza nos humanos, mas de forma unitária, em que o espírito, o respiro, o florescimento, a nutrição estão em todos os níveis” (SUZIN, 2003, p. 18). Tudo existe em todos os seres, e todos estão em tudo: “nós somos terra (Gn 2,7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar e a sua água vivifica-nos e restaura-nos” (LS 2). Tal compreensão busca solucionar os problemas que surgem da desintegração das relações do ser humano com o seu ambiente natural. E essa reconciliação com o universo é compreendida como ecologia integral, que precisa ser desenvolvida em suas várias dimensões, como a ambiental, a social e a espiritual.

Se existe a necessidade de assumir uma postura ecológica com várias dimensões, entendida como “ecologia integral”, como processo de reintegração do ser humano com o todo, é porque existe a consciência de uma crise que precisa ser superada. A crise ecológica tem como

razões fatores de causa humana ou não, mas todas afetam a vida do planeta. A partir de Hiroshima e, mais precisamente, a partir da segunda metade da década de 1950, a humanidade atingiu a capacidade de autoexterminio. Guerras, poluição do ar, dos rios e dos oceanos, desmatamento, emissão de gases de efeito estufa na atmosfera, entre outros, são causas de alterações irreversíveis no sistema vital da terra, com consequências catastróficas para a biodiversidade das diferentes regiões do planeta.

Três elementos se destacam entre as expressões mais agravantes dessa crise: 1) *o lixo acumulado*: estamos na era do lixo, gerado diariamente de forma exagerada em sem um destino final racional. Pesquisas mostram que cada cidadão norte americano produz cerca de 3kg de lixo/dia, sendo os Estados Unidos o país que mais gera lixo no mundo, cerca de 200 milhões de toneladas/ano. Cada brasileiro gera, em média, 1,062kg de lixo/dia. Além da exagerada produção de lixo, há também o problema causado pelo seu destino final, sendo as sacolas plásticas, papéis, garrafas PET e de vidro, dentre outros, descartados em locais impróprios como ruas e rios; 2) *o efeito estufa*: por “efeito estufa” entende-se o mecanismo natural da terra para manter a temperatura numa média de 1,5°C, ideal para o equilíbrio da maior parte da vida no planeta. Mas essa temperatura vem aumentando rapidamente nos últimos anos, sobretudo devido à derrubada e queimada das florestas, que regulam a temperatura os ventos e o nível das chuvas nas diferentes regiões. A temperatura terrestre tem aumentado na mesma proporção do desmatamento. Mudanças climáticas atingem 82% das espécies vivas da terra. Busca-se evitar uma elevação da temperatura média acima de 1,5 °C, considerada o máximo tolerável. Num cenário de elevação de 3,5 °C, tem-se a extinção provável de 70% de todas as espécies hoje existentes; 3) *a água*: três quartos da superfície da terra são cobertos por água, um dos bens mais preciosos do planeta, essencial para a manutenção da vida. Trata-se de quase 1,5 bilhão de km<sup>3</sup> de água em todo o planeta, contando oceanos, rios, lagos, lençóis subterrâneos e geleiras. Mas apenas 2,4% de toda a água do planeta é doce, e disso apenas 0,02% está disponível ao acesso pelos seres vivos que dela necessitam para sobreviver. Dessa quantidade, uma grande parte está poluída por petróleo vazado de poços submarinos ou navios; pela falta de tratamento de esgotos domésticos e industriais; pelo uso de agrotóxicos e fertilizantes na agricultura; pelo lançamento de materiais sintéticos nos córregos, rios e oceanos, bem como de compostos inorgânicos, como ácidos, bases e sais e metais pesados (Cu, Zn, Pb, Cd, Hg, etc). A escassez da água atinge atualmente 700 milhões de pessoas, em 43 países. Segundo dados da OMS, em 2050, 50 países não serão suficientemente abastecidos. No Brasil, por exemplo, um em cada cinco brasileiros não possui água tratada para beber. Mais da metade da população ainda não tem acesso à coleta dos esgotos; e somente 38% do esgoto do país passa por algum tipo de tratamento antes de ser lançado na natureza, segundo dados do Ministério das Cidades de 2010.

Isso tudo retrata uma crise do sistema integral da vida planetária, que vai do desequilíbrio das forças naturais até o sentimento niilista da vida humana. A crise ambiental é, em grande parte, consequência da crise de valores humanos, que gera uma sociedade pautada

em interesses de concentração, exploração e descarte. Interesses econômicos regem a vida da sociedade. O afã da sociedade técnico-científica é orientado por ideologias que apregoam o progresso a todo custo, através do controle, uso e exploração dos recursos naturais. Temos, assim, uma profunda crise ética nas relações socioambientais, que decorre da ambição de setores da sociedade, grupos políticos e econômicos hegemônicos, que visam a concentração dos bens da terra e criam todo tipo de injustiça ambiental. Como horizonte das relações é a comercialização, os problemas ambientais e a crise ecológica são o resultado de relações distorcidas.

As religiões têm uma grande responsabilidade diante dessa situação. Elas muito podem contribuir para recuperar as relações positivas do ser humano com as demais criaturas do planeta e com o cosmos inteiro. Esse trabalho está pautado nas próprias crenças, que remetem a uma situação ou um Ser na origem de tudo, a partir do qual a criação inteira tem um significado e uma dignidade irrevogáveis. E o confronto da realidade da crise ecológica com essa situação/Ser, expressa a consciência da gravidade da crise, ao mesmo tempo que compromete na busca de soluções consistentes. Dessa forma, as religiões podem ajudar a repensar o que a sociedade materialista considera progresso e se tal é necessário para o desenvolvimento humano. Trata-se de uma postura profética frente as ideologias econômicas e políticas, os sistemas técnico-científicos e o seu método de análise e da objetivação dos sistemas de vida naturais, que isola o humano das demais realidades do planeta.

Esta edição da revista *Caminhos de Diálogo* oferece subsídios para a reflexão e a tomada de posição diante da urgente necessidade de promover e defender todas as formas de vida no planeta. No dossiê, Chrystiano Gomes Ferraz trata sobre *O diálogo inter-religioso e a questão eco-humana: uma aproximação entre a Laudato si' do papa Francisco e a proposta de Paul F. Knitter*, apontando para a responsabilidade ecológica como uma das principais missões do meio cristão evangélico; Dirce Gomes Silva apresenta *Pressupostos para uma ecologia integral à luz de Hildegarda de Bingen*, mostrando que a teologia hildegardiana, com sua audácia, profecia, mística, vivência holística e ecológica, indica, que o ser humano precisa viver numa interação positiva e responsável com o seu meio ambiente; O tailandês Rey Ty aborda o tema *The international political economy of nature and society: from climate emergency to climate justice in our common home*, indicando estudos científicos dignos de crédito os quais mostram que o problema das mudanças climáticas atingiram um nível que compromete a sobrevivência de inúmeras espécies vivas na terra, ameaçando o futuro da própria espécie humana; Ivoneide Viana Queiroz trata sobre a *Vida religiosa feminina na Amazônia: contribuições para uma ecologia integral*, com foco para a defesa dos povos originários com suas culturas e espiritualidades; Alana Carla Lucena Farias reflete sobre *O conceito de missão integral na teologia e a responsabilidade ecológica da Igreja cristã*.

Na seção artigos, Suzana Terezinha Matiello e Tarcisio Padilha refletem sobre *A compreensão e a prática da misericórdia em diferentes religiões*, analisando aspectos da

## Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

misericórdia que se manifestaram em momentos significativos de um evento inter-religioso organizado na capital paulista; Vinicius Couto trata sobre *A saúde integral do ser humano: apontamentos preventivos a partir da teologia de John Wesley*, apresentando uma visão preventiva sobre saúde a partir das orientações paulinas em diálogo com a teologia de John Wesley; Marcial Maçaneiro apresenta importante pesquisa sobre *Allah al-Khaliq: Deus criador no islã - noções fundamentais a partir do Alcorão*, impulsionando o diálogo católico-islâmico sobre Deus como origem e fim da criação; Antônio Lopes Ribeiro escreve sobre *De alteridades negadas ao diálogo: a experiência do encontro do cristianismo com as religiões indígenas ontem e hoje*, refletindo sobre como o cristianismo nasce como prática da alteridade e do altruísmo, mas historicamente tende a afirmar-se como única e verdadeira religião, excluindo as demais. A revista apresenta, ainda, resenhas e crônicas.

Esperamos, com este número de *Caminhos de Diálogo*, contribuir com quem busca desenvolver uma compreensão do próprio credo vinculada a práticas concretas de promoção e defesa da criação, incentivando suas lideranças a fortalecerem a prática do diálogo e da cooperação inter-religiosa em defesa da *oikoumene* – nossa casa comum. ✨

## REFERÊNCIAS

SUSIN, Luiz Carlos. **A criação de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2003.